

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III.

Domingo 23 de Novembro de 1856.

N. 13.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

XIII.

Qui c'est la?...

Meus charos leitores.

Estimarei que estas poucas e mal traçadas linhas vos vão encontrar na posse *pacifica* de uma robusta saude, pois a minha ao fazer desta é boa, Deos louvado.

(Bis).

Amigos.

Tendes sem duvida sentido a falta de um certo X. que se occupou outr'ora com facecias de máo gosto, as quaes despertavam risos zombeteiros em alguns *caninos* de raça *caucasa*, que após muitos combates de... *dente* hiam em procura do antro cavernoso (pleonasmos?) onde se occultavam das vistas dos mortaes?!

Se dizeis sim respondeis muito mal, pois que esse X. tendo consciencia do que era e do que valia, lembrou-se que não tinha nascido *pour faire l'esprit* (não de vinho) e buscando novos mares, novos climas. aprobeu nas prais do reino da Historia (se fosse dos *contos*) e qual outro dom *Quichote*, eil-o armado de lança e escudo combatendo essa entidade sublime que abrange tantos homens quantos foram os que entraram no diluvio!

Mas ahi, como em tudo que elle ha tentado, encontrou em cada facto uma *cabeça de Medusa*, em cada seculo uma *hydra de Lerna!*...

Não lhe valeram os sorrisos animadores de alguns amigos, não lhe valeram as promessas de *alguem...* o pobre X. tremia, duvidava e deixando pender os braços soltou ao ar lamentosos gritos, que echoando ao longe foram despertar outros não menos sentidos, não menos estrondosos!...

Ah! que então elle deu ao diabo os poucos momentos de prazer que gozára ao lado de cer-

tos *paszacios* que o lisonjeavam, esperando talvez que o fumo dessa lisonja o elevasse ao ar como qualquer balão aereostatico...

Convencidos porém de que as ingratições de que o pobre X. fôra victima, lhe tornaram o coração arido, foram pregar a outra freguezia, e em pouco tempo não havia em torno d'elle mais que meia duzia desses *caninos*, que lhe ladravam, procurando morder-lhe as pernas.

O instante era solemne!

X. chama em seu auxilio os manes de todos os *rabiscadores de papel*, faz um gesto de afflicção, aponta para os seus perseguidores, e não querendo ver o que vae seguir-se fecha os olhos... e oh! mylagre estupendo!... pois bem, esses *caninos* que ha pouco lhe ladravam, affagavam-nô agora lambendo-lhe as plantas!.. Eis aqui a razão porque não tereis hoje as *paginas intimas* do costume.

Commovido ainda por este acontecimento, impressionado pelo perigo de que escapára, elle pede aos seus leitores a indulgencia que merece, até que possa continuar a invadir os pequenos estados d'esse reino collossal que se chama Historia!.....

Novembro 16 de 1856.

X.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

SALVA.

Expliquemos o desaparecimento de Domingos.

Recordam-se os leitores de que elle, por informações de Lourenço, correrá para casa da velha Marta, no intuito de arrancar Luiza do poder de seu infame perseguidor. Recordam-se também que dissemos ser a fatalidade que pesava sobre ella a causa do apparecimento de Lourenço, pois que Domingos não logrará salvar a joven.

Vimos como aquelle prehenheu as suas idéas de vingança. Luiza estava sempre sob suas mãos, nas quaes era um brinco pueril, e não obstante os esforços dos amigos de seu pai, d'este e de Carlos, a victima marchava de suplicio em suplicio, até que o calix ficasse de todo esgotado. O que os dous Cardosos não conseguiram, o que o doutor Gama não pode alcançar, alcançou-o Domingos. Estava destinado a este o papel mais importante d'este drama ignobil.

Foi elle que, qual *Ariadne*, pode atravessar incolumemente por entre o labyrintho de intrigas que Lourenço tecera com mão de mestre; foi elle emfim que arrancou a mascara de malvado, para o apresentar revestido de todos os seus crimes, para o apresentar tal qual nascera. Se o que vae passar-se despertar o riso zombeteiro da algum *Aristarcho de capa*, se ao levantar-mos a ponta do veu que encobre o passado de algumas pessoas que ainda existem, o quadro que o encerra provoque o escarneo de turba—passae—deixai-o como está, e não profaneis com o vosso olhar de sceptico esse quadro da vida real que encerra tantas verdades quantos são os pensamentos que se cruzam no espirito do homem. Para vós, egoistas sem crença, para vós materialistas sem causa, estas poucas linhas serão o pallido reflexo de uma imaginação exaltada, de uma imaginação creada no romantismo da epocha, porque costumaes repeller tudo que se aparte dos vossos habitos, do vosso pensar—da linha de conducta que promettes seguir. Entretanto enganaes-vos — profundae os effeitos—investigae as causas, e achareis, não um pallido reflexo d'essa imaginação exaltada, mas sim ella inteira, acompanhada das crenças que não tendes, impregnada desse perfume dalma que costuma revelar-se n'esses momentos em que uma recordação do passado nos vem arrancar ao presente. Vê-de, por mais que blasphemeis, por mais que vos approuver dizer, ha sempre um poder que abatte o vosso—que o esmaga! Envolvei-vos nas dobras do mysterio—caminhae guiados pelo pallido clarão da lua—escutae os gemidos plangentes da alma que soffre, assisti impassiveis a essa transposição das trevas para a luz—sorprehendei, pesquisae, meditae, se-de em fim testemunhas de tudo, após esse exame profundo haverá um que no silencio da noite, a sós, sentirá o que sentistes, verá tudo a que assististes! E' que elle tem por si a voz da consciencia que brada mais alto que nada; é que elle traduz em um simples olhar o que tendes occulto no amago de coração, e vós não podereis deffender aquillo que vos arrebatam!..... Domingos sabia o que desejava. A sua coragem e perseverança hia ser coroada do exito mais feliz, e elle podia restituir aos braços de um pai carinhoso a filha que lhe haviam arrancado. Com aquella presteza que o tornava tão notavel encaminhou-se para o lugar

em que era situada a casa de Martha, e como conhecia perfeitamente o terreno deixou a estrada direita, e envolveu-se em um pequeno atalho bordado á direita por uma extensa matta, e á esquerda por grandes vinhas. O atalho era demasiadamente estreito—o cavallo marchava a passo, e mais de uma vez Domingos receou rolar com elle para o lado esquerdo, pois que o muro que dividia o atalho da vinha era ao nivel do chão. O que elle temia aconteceu. Não obstante os esforços que empregou para domar a furia do cavallo, que impaciente talvez, começara um galope desenfreado, chegados a certa altura ambos cahiram, com a differença de que Domingos cahio para o lado esquerdo, e o cavallo ficou suspenso entre um e outro. Felizmente a queda não foi mortal, mas o pobre preto não podia erguer-se, quebrára uma perna, e os soccorros eram impossiveis

Arrastou-se, e como pode chegou até á beira de um regato que atravessava a vinha; ahi perdeu os sentidos. O cavallo levantou-se e poz-se a pastar tranquillamente. Uma hora depois é que Domingos foi encontrado. Perto do lugar da cathastrophe ha uma pequena casa rodeada de arvores fructiferas. Uma das filhas do domno d'ella colhia algumas fructas, e fosse a Providencia ou acaso ella veio ao regato em questão, e vendo um homem estendido, sem movimento, gritou e pouco depois apparecia o pai. A joven com a vós tremula de medo apontou para Domingos, e n'um momento aquelle se convenceu de que algum tragico successo trouxera ali o preto. O primeiro cuidado do camponez foi de fazer-lhe recuperar os sentidos, porque nada havia que indicasse ser um assassinato, Domingos voltou a si, e recordou-se de tudo.

Cahi do cavallo, disse elle, parece-me que quebrei a perna esquerda.

O camponez tentou erguel-o, mas a violencia da dor forçou aquelle a retomar a sua primitiva posição. Vai a casa chamar teu tio, dissé o camponez para a joven — vai depresa. Ajudado por este conduziram Domingos para a pequena casinha, e trataram de chamar o cirurgião mais proximo. O preto era conhecido d'este, que se offerceu para o fazer levar á casa de Carlos, porém Domingos, não sabemos porque capricho, recusou.

Elle estava tão convencido de que Lourenço nada mais tentaria contra Luiza, que não procurou um meio de substituir a sua deligencia. Foi isto que o perdeu. Elle não conhecia ainda o malvado.

(*Continúa.*)

o Dominó Encarnado.

POR
XAVIER DE MONTEPIN.

Traduzido

POR
D. A. MACIEL DO AMARAL.

Mammone quasi que quotidianamente vinha passar alguns momentos na casinha do velho soldado. Pepita que outr'ora crera o amor o sentimento affectivo que a atrahia para Beppo, sentia evoltrisar-se esta illusão, e toda a vez que com elle se achava, sua frieza e embaraço cada vez mais a trahiam. Beppo observava essa turvação e indifferença que o pungia profundamente, mas não lhe decifrava a causa. Um rumor vago e que cada vez mais tomava consistencia se espalhou na aristocracia Veneziana. Fallou-se do consorcio d'Helena Fornasari, com o joven e bello Francez, a principio como de uma cousa verosimil, depois como d'um facto evidente. Este boato attingiu Camillo, que o julgou infundado, mas que entretanto deliberou offertar quanto antes suas homenagens e sua pessoa á rica patricia a fim de não deixar a algum rival tempo de o preceder. Em consequencia do que, uma bella noite, pediu a sua gondola mais elegante, entapessada com seus mais ricos estophos, mandou estacionar na Giudecca, proximo da praça de S. Marcos, a fim de dirigir-se ao palacio Fornasari, apenas tivesse feito alguns passeios por entre a turba, como o exigia a moda. Estas ordens foram satisfeitas, e Camillo acompanhado de seu creado dispunha-se a entrar na gondola, fastosa equipagem que os ociosos passeiadores admiravam, quando ouviu um grito perto de si, e uma mulher suspendendo-se ao seu braço se alluiu de repente. Voltou-se surpreso e vio a seu lado a pallida Pepita desmaiada. Ella acabava de reconhecer no brilhante senhor o lazzarone que quotidianamente promettia despozal-a. — Que contratempo! exclamou Camillo. Maldito seja o destino que postou neste momento em minha passagem esta estonteada rapariga! Que fazer? Grizzo!

— Signhore?

— Veste uma mascara a essa pequena e leva-a para a gondola, vamos regressar ao palacio. O povo já se accumula em torno de nós. Grizzo suspendeo a moça em seus braços, atravessou por entre a turba e entrando na gondola cerrou as cortinas. Camillo collocou se em pé perto do pavilhão, e os remadores fendendo a agua veloz e cadentemente, chegaram depressa a residencia do conde. — Onde estou eu? perguntou Pepita,

tornando a si. — Em minha casa, meu anjo! respondeo Camillo. — Em vossa casa! E quem sois vós? A moça, proferindo estas palavras, affastou os cabellos que lhe nublavam os olhos e fixando o conde com terror, exclamou: — Oh já vos conheço! já me recordo! Enganastes-me, senhor! Quero sahir daqui! — Para que, minha bella? Para que partir tão breve? — Meu pai está agoniado, signore! — Esperai sequer um momento, respondeo Camillo retendo-a. — Não me toqueis! Mas que vos fiz eu? — O que me fizestes! Santa Maria, ainda perguntais! Enganastes-me indignamente, disfarçando-vos em pescador, dizendo que me amaveis, que casarieis comigo! — Pepita, socega! — Não! não! quero ir-me embora. — Podel-o-heis fazer depois de me ouvirdes. Todo o meu crime, Pepita, consiste em amar-vos. Recordai-vos d'uma noite em que perto do porto, aguardaveis uma gondola? Foi então que vos divisei pela primeira vez, data d'então meu amor. Mandei seguir vos. Soube quanto ereis pura e sisuda, soube que vós me repelliis impreterivelmente, se me apresentasse como nobre Venesiano e para comprazer-vos, para sensibilisar vosso coração, enverguei as humildes vestes do homem do povo... Que importa minha jerarquia, depois disto? O grande senhor vos ama, Pepita, como vos amava o Lazzarone! — Oh! meu Deos! repetia a moça lacrimosa e mal tendo escutado o discurso de Camillo, oh! meu Decs! e foi por este homem que eu desdenhei a affeição de meu desposado o pobre Beppo! Vosso desposado! retorquiu Camillo com ironia, ousais fallar de vosso desposado? — E porque não fallaria eu delle? — Sabeis quicá seu nome, simplesmente? sabeis que profissão é a sua? — Estais zombando, signhore? meu noivo é um gondoleiro e chama-se Beppo Conti. — Vosso noivo é um bravo e chama-se Renzo o Demonio! — Mentis! — Não Pepita; e se quereis a prova do que avanço tel-a-heis n'um instante. — Aprova? — Sim. — Dai-ma.

Sabeis, não é assim que Mammone aguarda todas as noites, postado perto do arco da ponte dos Suspiros, aquelle que vem comprar seu punhal? — Sais pois o meu máo genio? — Sou vosso adorador, Pepita. — Partamos.

Camillo envolveu-se em um capote escuro, mascarou-se e sabiu com a filha de Piétro. Durante o trajecto do palacio Cavalcanti á ponte dos Suspiros, Pepita profundamente absorta, não enunciou uma só palavra, a despeito dos esforços que Camillo despendia para a distrahir, e roubal-a a sua preocupação.

Apenas porém saltaram da gondola e pisaram sobre o caes, ella arrastou seu guia com uma velocidade febril. Renzo estava no seu posto. Camillo sentia o braço de Pepita tremer com vio-

lencia sob o seu, ao passar em frente delle. — Então? perguntou elle, quando andaram mais alguns passos. Pepita não respondeo, porém largando o braço do nobre estupefacto, desapareceu por entre a turba. — Ha-de ser minha, rosnou Camillo reentrando em sua gondola. — Para onde se dirige, vossa senhoria? Perguntou Grizzo. — Para o palácio Fornasari!

V

O INSULTO.

Camillo saltou ligeiramente da gondola sobre os degraus de marmore, passou por debaixo do portico, subiu a escada e disse com uma soberba inflexão ao laçao que encontrou na antecâmara: — A signora Helena me espera; fazei o favor de annunciar D. Camillo Cavalcanti. Passado um momento, entrava no camarim da joven, que sua chegada imprevisada surprehendeu desagradavelmente, mas que entretanto soube denominar-se assaz para dirigir-lhe um semi-sorriso, e dizer, fazendo ao importuno visitador uma saudação polida mas fria: — A que devo attribuir o prazer inopinado de receber hoje vossa senhoria? Esta pergunta revelava claramente que ella achava demasiada e extraordinaria a presença de Camillo em sua casa, entretanto este ultimo julgou conveniente precipitar sua declaração; e respondeu com uma voz que a apprehensão de máo exito, faria tremer d'uma maneira por demais adaptada á conjunctura. — Deveis minha visita, *signora*; ao desejo de por enfim um paradeiro ao meu supplicio. Sabeis quem eu sou. Meu nome passa por um dos bellos de Veneza. Minha familia occupa um lugar prespicuo na historia de nossa republica. Minha fortuna poderia ser mais consideravel, é verdade; porém é bom ter semeado na juventude todas as fruições da vida, e meus preteritos desmandos vos continuem um seguro peñhor de minha prudencia para o futuro.

— Onde quereis attingir com isso? perguntou Helena com um timbre de voz raptada d'uma ironia mal contida. — A offerecervos meu coração, *signora*, implorando-vos vosso amor e vossa mão. Ao passo que dizia estas palavras, Camillo curvou o joelho ante a joven. Hei vos deixado fallar sem vos interpellar, respondeo esta, porque convinha-me conhecer d'um só jacto todas as vossas pretensões, para d'um só jacto tambem as desfazer. Fallais-me d'amor e me pedis minha mão. Porém dizei-me, a voz publica nunca pronunciou diante de vós ao meu nome o do barão de Chivry? — Não comprehendo, *signora*, que relação... Nunca ouvistes acrescentar que dentro de um mez elle me devia desposar? — De maneira que é um aventureiro francez que vós antepondes, *signora*, ao descendente e herdeiro dos

doges? Assim esta ventura que eu almejava, será partilha d'um desconhecido apenas fidalgo? .. — *Signor*, Camillo interrompeu Helena com severidade, treguas a expressões identicas. O que acabais de enunciar a respeito de Jorge de Chivry ausente, não ousarieis repetil-o se elle aqui se achara para defender-se. — Não ousaria, *signora*! — Não, *signore*, não ousarieis. — Pois eu o repetiria ao barão de Chivry se presente estivera. — Repetil-o então porque eil-o que chega!

Helena e o Venesiano voltaram ao mesmo tempo a cabeça para a porta d'onde partiam estas palavras, e ambos viram o resposteiro affastar-se para deixar passar Jorge de Chivry risonho e calmo.

— Saude a Helena; saude a minha bella soberana, disse tomando com graça extrema a mão da Venesiana e levando-a a seus labios. Saude tambem ao *signore* Camillo, e permitti ao aventureiro francez ao desconhecido apenas fidalgo, complimentar o herdeiro dos doges, sobre o feliz e incruento desfecho de seu duello da ponte dos Suspiros. — Que quereis dizer? perguntou Camillo com voz agitada em quanto que uma turvação extraordinario se desenhava em seu rosto. — Quero dizer, senhor, respondeu Jorge de Chivry, collocando-se na frente delle, com a cabeça erguida e os braços cruzados sobre o peito; quero dizer que outro dia encontrei sobre os canaes defronte deste palacio, um homem que eu suppunha valente e que não passava de um cobarde. Fiz a honra a este infame de cruzar minha espada com a sua, e o cobarde fugiu.

— Quem era esse homem? murmurou Camillo.

Esse homem estava mascarado e todavia eu o reconheci, e ao passo que o reconheci hesitava em publicar seu nome, porque esse nome é illustre, porque tem um brasão, até ali sem mancha, n'um feito em que não batte um coração. Este homem, este nobre, este cobarde, sois vós. Camillo tornou-se horriavelmente pallido, levou a mão aos copos de sua espada. Jorge percebeu este movimento e sorriu. — Deixemo-nos de comedias, Senhor, continuou elle, para que travar dessa arma? Não ousareis puxar por ella O Sr. dedilha indubitavelmente com mais successo a guitarra do que a espada. Restrinji-vos a fazer conquistas e não garganteis vossas bellas canções ás desposadas dos fidalgos francezes. Helena fez um signal de aprovação. Jorge correu o resposteiro e saudando com graça fez passar diante delle Camillo, que sahio sem pronunciar uma só palavra. — Estou com medo, Jorge, estou com muito medo! disse Helena, quando o senhor de Chivry voltou — Medo de que, minha bella noiva? — Deste homem. Feriste-o e cruelmente em seu amor e em seu orgulho. E' cobarde, verdade é, porém é d'estro, astucioso e via-

gativo. Não é sua espada, é seu punhal que eu temo. Ouvi, Jorge, antecipemos o dia de nosso casamento e immediatamente depois, eu vos rogo, froquemos Veneza pela vossa França. Quereis azer-me a vontade, Jorge? — Se quero, Helena, quando prevenis meus mais ardentes desejos quando apressais a hora de possuir-vos e regressar a meu paiz!

— Nesse caso, senhor meu marido, dentro em oito dias verificar-se-hão as nossas nupcias! e que sejam esplendidas, ouvis? porque eu quero que se falle dellas muito tempo em Veneza. — Serão esplendidas e fallar-se-ha dellas. Camillo havia sahido do palacio Fornasari sem proferir uma só palavra, mas em sua alma, ribombava o trovão da vingança. Saltou em sua gondola, subiu a escada da ponte dos suspiros e correo para o lugar em que o bravo Mammone estava postado habitualmente. Achou o lugar deserto. Eis o que se tinha passado. Em quanto Camillo soffria um *xoque* humilhante no palacio Fornasari, Beppo, deixando seu posto funebre, entrava na pequena casa do cáes da Madona. Assim como de costume o trinco da primeira porta cedeu facilmente a pressão de sua mão; assim como de costume penetrou no segundo quarto, porém não foi acolhido como era d'uso, por um doce olhar nem por um meigo sorriso. O pai de Pepita dormia em sua poltrona, porém a livida pallidez de sua fronte, seus braços estirichados e cahindo de cada lado sem descancar sobre os encostos do annoso movel, seu roزاری cahido da mão, tudo diria que dormia o somno da morte.

Pepita, ajoelhada perto delle com a cabeça inclinada e occulta em suas duas mãos, soluçava convulsivamente. No momento em que Beppo entrou, passou as mãos pela fronte como para affastar os cabellos que a vendavam. Ergueu-se açodada; n'um segundo, a colera substituiu a dôr em seus olhos e sem dizer uma unica palavra, indicou a porta a Beppo com um gesto cheio de desprezo. — Que tens, Pepita? perguntou o mancebo. Que aconteceu a vosso pai? Porque me expellis? — Porque vos expillo? Em face do cadaver de meu pai, usais perguntar-me por que é que vos expillo, *Mammone!* Quem foi que me attraçoou? — Um homem que me ama, ouvis, *Mammone?* Um homem a quem eu diria: « *Eu não posso pertencer-vos porque sou a noiva de Beppo Conti, um nobre coração!* » Um nobre coração vós! Como não deveis rir-vos de mim, *Mammone!* Pepita! Pepita! — Esse fidalgo, por que elle o é, me respondeu « *Beppo Conti, vosso noivo, esse nobre coração não tem o mesmo nome para todos: o povo domina Renzo o Dominó; olhai eil-o alli.* » — Esse homem .. Pepita? Diz-me o nome desse homem? — Ireis assassinal-o, não é? Tomais-me acaso pela prisioneira de um bravo? — Seu Nome? Repetiu Beppo com

voz surda e arquejante. E agarrando na sua mão direita no ante-braço da moça, apertou-o com tanta violencia, que ella não pode enfrear uma exclamação de dôr. — Não ha-de sabel-o, e se queres matar-me, matta-me depressa, assassino! A esta ultima palavra, Beppo largou a mão de Pepita e fugiu como um gamo ferido pela chuço do caçador.

(*Continúa.*)

POESIAS.

Saudades de Portugal.

UM SIGNAL D'AMIZADE AO MEU AMIGO ANTONIO JO-

AQUIM DANIEL DO PRADO.

Patria minha tão querida,
Saudades tenho de ti,
De meus paes, de meus irmãos
E do lar em que nasci;

D'esses bosques tão formozos
Onde trina o rouxinol
Seus gorgeios maviosos
A saudar o arrebol;

D'esses prados tão amenos,
Por onde tanto brinquei,
D'esses regatos serenos
Que tanta vez contemplei;

D'esse céo azul e bello,
D'essas noites de luar,
D'esse meu rio Mindello,
D'esse tanto meu folgar;

D'esses campos tão amenos,
D'esses jardins tão formosos,
D'esses pomares tão plenos
De fructos tão saborosos;

D'esse todo magestoso
Que tens oh Patrira querida!
A ti consagra saudozo
Pensamentos, alma e vida.

JOSÉ PINTO DOS SANTOS

No album do meu amigo

O SR. JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Tu queres, poeta, que escreva em teu album
As trovas sentidas do meu coração?
São rudes, mesquinhas, que podem valer
Ao pé das mimosas que n'elle já stão

Amei... fui trahido!... curtindo saudades
Agora só vivo... não posso cantar;
A lyra que eu tinha, calou-se chorosa
Sómente gemidos te posso offertar.

Desengano.

Outro tempo julguei ser amado
D'uma joven que muito adorei,
Mas o tempo provou-m'o contrario
Pois que amor nunca n'ella encontrei.

Muitas vezes vivi illudido
De esperanças que a bella me dava;
Mil venturas gozava em só vél-a,
Só por ella meu peito pulsava.

Tinha os olhos tão pretos, tão lindos,
E seu rosto moreno, engraçado;
Os cabellos da côr d'ázeviche
E seu corpo gentil, delicado.

Tinha a falla tão meiga, tão terna,
E seus labios a mais rubra côr;
Tinha os dentes mais brancos que per'las.
E seu collo mais mimos que a flôr.

Meu amor p'ra com ella era tanto
Eu amava-a com idolatria,
Que de dia pensava só n'ella,
E de noite em meus sonhos a via.

Mas um dia!... que dia cruel!
Que em seu rosto diviso um receio...
Lhe pergunto: o que tens meu amor?
Não é nada, me diz—não o creio

Tu me occultas horri vel mysterio
Em teu seio, ah! diz-m'o te peço
Me revelles, que tens em teu peito,
Meu amor em penhor t'offereço

Diz-me se inda me adoras ou não
Como outr'ora me tinhas jurado;
Que me havias amar até a morte,
Só assim ficarei descançado.

Se inda te amo? pois não me acreditas?
Mas que disse. oh! fatal confissão!
De seus labios ouvi fallar—sím—
Em seus olhos eu vi dizer—não—

Amas outro... foi logo o que eu disse,
A verdade em seus olhos eu vi
Fiquei cego, que ardendo de raiva
A perjura deixei, e fugi.

Agosto de 1856.

FRANCISCO COELHO MARTINS DA COSTA.

Escuta....

Vem comigo linda joven,
Quero ouvir segredos teus;
Ambos sentados, sorrindo
Ouvirás tambem os meus.

É tão pura, que receio
Confessar-te o meu amor;
Só assim porem eu posso
Esquecer a minha dor.

Só assim lembranças d'outra
Perderei da mente minha;
E não mais voltando a ella
Pedirei o que então tinha.

Vamos pois, os meus segredos
São pr'a ti a confissão,
Ella é toda a minha dita,
Faz bater-me o coração.

Não me peza revelal'a
 Porque sei que acolherás,
 Teus sorrisos m' o disseram,
 Depoís d'ella fallarás ?

Fallas sim, o teu rubor
 Deu-m'a só á esperança.
 É por ella que não temo
 Esses gestos d'esquivança,

Não me digas linda joven
 Que sou facil em esquecer,
 Não m'o digas, ignoras
 Que despertas meu soffrer.

Esqueci, pr'a que negal-o?
 Mas a culpa não foi minha,
 A vaidade deslumbrou-a,
 Perdeu tudo quanto tinha.

Foi outr'ora doce sonho,
 Quanto tempo m'embalou ?!
 Foi a esperança do porvir,
 Mas depressa se escoou.

Tenho inda bem presente
 A palavra que me deu,
 Mas o tempo tudo póde
 A vaidosa me esqueceu.

Não importa, tu és hoje
 O meu caro pensamento,
 Oh! não fujas linda virgem,
 Não desprezes meu intento

Escutastes o proscripto,
 Quanto sou feliz agora !
 De amarte sempre e sempre
 Oh Eu te juro n'esta hora !....

Rio, Novembro 4 de 1856

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Avezinha mensageira.

Vai avezinha, vai terna e mimosa
 D'espaco em spaco corre, voa prestes
 Junto a Marcia querida,
 Vai, e dizer-lhe debes que a esperança
 D'ardentemente ser por ella amado
 Eu conservo na vida.

Que emquanto, para mim, não for cumprida
 Tão prasenteira e grata essa esperança
 Que no meu peito existe,
 Será constante a minha dôr acerba,
 Acerbos e crueis esses momentos
 De minha vida triste !

Vai e dize-lhe mais, se por ventura
 Essa esperança tão fagueira e leda
 Frustrada visse um dia,
 Para sempre ao olvido me lançasse,
 Que arrostar mais a vida um só momento
 Em vão pretendaria

Pois sem uma illuzão ter inda ao menos
 Mentida mesmo, para alguns instantes
 Da vida me sorrir,
 Mas que cruel inferno se tornara,
 Para mim a existencia e pois forçado,
 Fora á dôr succumbir

Vai avezinha, pois, terna e mimosa
 D'espaco em spaco corre, voa prestes
 Junto a Marcia querida,
 Vai e lhe certefica ser a esp'rança
 D'inda por ella vir a ser amado
 Que me conserva a vida.

JOÃO DANTAS DE SOUZA:

Ciumes.

Queres tu, linda donzella
 Qu'esta florinha singella
 O teu seio vá ornar?
 E' tão linda e tão viçosa,
 E' tão pura e é tão formosa,
 Como tu b'leza sem par.

Em teu peito guarda-a bem
 Vêr não quero mais alguém
 N'essa bonina tocar;
 Quero sempre vê-la assim
 No teu collo de marfim,
 Sempre, sempre até murchar.

Toma nympha, toma a rosa
 E' gentil, fresca, mimosa
 Assim como tu oh bella.
 No momento em qu'eu a vi
 Recordei-me então de ti,
 Fiquei morrendo por ella !....

Que fizeste?!... ao chão raivosa
 A lançaste, furiosa!!
 E desfolhada a teus pés!....
 És tão cheia de maldade,
 Tu, mulher sem piedade
 Mais linda qu'ella não és!.

Rio, de Outubro de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

Como não amar-te?

Como não amarte, Elisa, se és tão linda
 Se tuas perfeições são sedutoras,
 Se os encantos
 E atractivos em ti, são tantos, tantos!

Como não amar-te Elisa, acaso póde
 Alguém contemplar-te a formosura
 Sem que á lei de amor fique rendido,
 Sem que sinta por ti paixão, ternuara?

Como não amarte, Elisa, se teus olhos,
 Negros, lindos, meigos, feiticeiros
 Dizem amor
 Quando os volves brilhantes e fagueiros

Como não amar-te. Elisa, se és tão bella,
 Se um teu sorriso
 Divino, engraçado matador,
 Recorda o dos anjos no paraíso!

Sómente corações de rocha dura,
 Rezistir a tantas graças poderáo,
 Mas eu, Elisa amada, ah! eu não posso
 Dominar o meu amor, minha paixão.

BELMIRO.

Parodia.

A. L.**

Se eu fora, meu anjo, gentil mariposa,
 Quizera a teu lado contente adejar,
 Louvara teus dotes de virgem celeste,
 Se bardo, na lyra, podesse cantar.

Se eu fora da noite mimosa estrellinha
 Eu só p'ra teus olhos quizera luzir;
 Cravara em teu seio mil settas agudas
 Se eu fora cupido fagueiro a sorrir.

Se eu fora do prado florinha engraçada
 Teus longos cabellos quizera adornar;
 Por ti suspirara se eu fora rolinha
 Na densa espessura d'um bosque ao luar.

Porém mariposa, nem bardo, ou estrella
 Cupido, florinha, nem rola a carpir,
 Eu sou; tão sómente sou homem, que humilde
 Amor, n'estes versos, te quer exprimir.

Rio, 16 Novembro de 1856.

M. CORRÊA BRAGANÇA.